

O BICHO

RUBEM BRAGA

1232
Um amigo viu na praia. Uma senhora de certa idade, toda vestida de preto, deixou a calçada e começou a caminhar penosamente pela areia fofa, sob o sol ardente. Teve de dar uma volta para evitar o perigo de ser atropelada ou atingida por um grupo de rapazes que jogava futebol. Chegou, finalmente, a uma barraca, onde estava um homem vestido de branco. Abriu a bolsa, e dela tirou um pedaço de papel e uma nota. O homem guardou o papel e deu-lhe um troco. Era o bicho funcionando diante do mar de Ipanema...

E sabado, em um escritório do Castelo, a moça alta e bonita, que vai casar-se com um jornalista, me chamou a atenção. Estávamos em um sétimo andar. Debruçados à janela, viamos lá em baixo, em um beco interno do quarteirão, um homem inquieto que tinha na mão um maço de dinheiro. Ao seu lado um auxiliar, mais moço e mais alto. De instante a instante aparecia um freguês, que entregava a lista e o dinheiro. Com uma velocidade de Chaplin, o homem folheava seu maço de notas e dava o troco. O auxiliar guardava o jogo. A mesma cena se repete todo dia duas vezes, a horas certas; nada mais fácil do que filmar aquele "ponto", em perspectiva vertical. Depois de passarem uns sete ou oito fregueses, houve um segundo de emoção: um quepi amarelo e duas pernas pretas em passos largos se aproximavam. Era um soldado da Polícia Militar, que avançava marcialmente. Iria prender o bicheiro? Passou a seu lado, sem olhá-lo sequer — mas no último instante estendeu o braço, com o dinheiro e o papelzinho, que o outro recolheu...

Não me sinto suficientemente austero para ser contra o jogo do bicho. Não vejo porque negar ao povo pobre as mesmas emoções viciosas que os ricos procuram no "buraco", na canastra uruguaia — ou no comércio de café... Se os moralistas vivem a clamar contra a decadência da Fé no seio do povo, o certo é que a "fezinha" não perde nunca o seu prestígio. E conheço pelo menos um caso histórico em que as duas fés — a maiúscula e grave e a minúscula e diminutiva — se juntavam: O padre Chico, um sacerdote boníssimo cujo nome todo São Paulo venera, não passava um dia sem jogar no bicho. Quando perdia, era seu dinheiro que perdia; quando ganhava, eram os seus pobres que ganhavam...

Ainda, porém, que se considere o bicho um cancro social, para usar uma expressão horrível que sempre me assustou muito mais do que os males a que se aplica — ele não há-de ser coisa tão má como outra indústria igualmente tradicional: a perseguição ao bicho. Se é verdade que muitos elementos de nossa honrada Polícia ganham demasiado pouco, tamanhas são as desgraças e miserias do Brasil que seria mais justo aplicar as contribuições do bicho no socorro a gente mais necessitada.

E' possível que em assuntos de moral eu não seja propriamente ortodoxo; mas afinal não sou ortodoxo em coisa alguma, e qualquer ortodoxia sempre me assusta e aborrece um pouco. O bicho é a parte mais resistente de nosso folclore, e nunca foi a mais antipática de nossas instituições. Acabar com ele seria grande bravura. Como aparentemente somos incapazes disso, seria mais humano fazer dessa enorme usina de pequenas esperanças e desilusões cotidianas um instrumento de combate contra a miséria e a ignorância que matam, neste país despojado, 100 mil crianças por ano...

13/12/49

285